

OFICINAS DE DANÇA PARA CRIANÇAS: UMA AÇÃO DO PROJETO PEDAGOGIAS POSSÍVEIS NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL VISÃO

FRANCINE SAMPAIO DE SOUZA¹; MARIANA MARTINS DA PIA²; JOANA
BOTELHO MARRERO³; KELVIN YURI OLIVEIRA DO NASCIMENTO⁴; JOSIANE
FRANKEN CORRÊA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – francinesampaioufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marianamartinsufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – joana.bmarrero@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – kelvinyureoliveira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – josianefranken@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a docência em dança na educação básica a partir de uma ação de ensino, pesquisa e extensão do projeto unificado “Ensino Contemporâneo de Dança na Educação Básica: pedagogias possíveis” (OMEGA UFPel/CNPq) desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental Visão, em Pelotas RS. A ação em questão trata-se de uma oficina intitulada “Dança para crianças: imaginação, criação e expressão”, voltada a estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental entre março e agosto de 2024. A proposta pedagógica da oficina vincula-se a um pensamento contemporâneo de ensino de dança, que busca um novo olhar a respeito das metodologias presentes em aulas de dança no ensino formal. A mesma foi idealizada e desenvolvida por duas bolsistas de Iniciação Científica e duas integrantes do projeto, tendo como objetivo provocar diferentes formas de (re)conhecer os movimentos do/s corpo/s a partir da Dança, por meio de atividades que instigam a imaginação, a criação e a expressão. Para isso, foram ministradas aulas de Dança no contexto selecionado com uma proposta alinhada às competências e habilidades descritas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado busca relatar e refletir acerca das vivências e descobertas realizadas na oficina em questão.

2. METODOLOGIA

A investigação tem cunho qualitativo e é inspirada na perspectiva de comunidade de prática a/r/tográfica, na qual os participantes de pesquisa são entendidos como protagonistas e, também, há intencionalmente o desejo de união entre os atos de docência, criação artística e pesquisa científica no seu fazer (DIAS, IRWIN, 2013). Como uma Pesquisa Viva (IRWIN, 2013), a a/r/tografia é uma metodologia alternativa que possibilita a flexibilização dos caminhos investigativos, assimilando mudanças de rota e novas demandas, algo que é bastante potencializado no projeto unificado em que a ação foi desenvolvida. Nesse caminho, a ação envolve o ensino - ao ministrar aulas de dança para crianças e possibilitar às acadêmicas o exercício e a experimentação da docência -; a extensão - ao envolver uma comunidade não acadêmica na ação -; e a pesquisa - ao compreender que a prática artístico-pedagógica pode ser substrato investigativo que gera novas teorias em torno do tema pesquisado. Como instrumentos de produção de dados, as pesquisadoras envolvidas fizeram observação participante, registrando suas impressões em diário de bordo e

através de vídeos e fotografias, assim como criaram estratégias de ensino, elaboraram reflexões sobre o ensino de dança baseadas nas vivências realizadas e produziram materiais artístico-pedagógicos adequados ao contexto em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvemos as oficinas para duas turmas da escola, sendo uma o 1º ano do Ensino Fundamental, do turno da manhã, e outra onde havia alunas/os do 1º e 2º Ano do Ensino Fundamental, do turno da tarde (período integral). Vale ressaltar que as aulas foram recebidas de modo diferente em cada turma, sendo, em uma delas, a dança como componente curricular (que torna indispensável que toda turma participe) e, a outra, como extraclasse (tornando facultativa a participação). A escola é privada e não conta com professor licenciado em dança no seu quadro docente, logo, as crianças não tinham aulas de dança no seu currículo até então. Ao todo, foram ministradas 20 aulas, organizadas e distribuídas de modo que, por se tratar de quatro professoras, a cada ida à escola uma dupla ficava responsável por lecionar.

Para a realização da oficina, a cada semana era elaborado um planejamento simples contendo tópicos das atividades que seriam propostas naquele dia e eram idealizadas dinâmicas extras para o caso de haver mais tempo antes do fim da aula. A maioria das propostas continham temáticas visando a capacidade de imaginação, criação e expressão das crianças, considerando que:

Por intermédio da dança, elas [as crianças] ampliam suas habilidades e usam a capacidade de pensar criticamente, quando solicitadas a aprender, executar e criar danças, assim como a responder aos estímulos por ela provocados. (Cone e Cone, 2015, p. 21)

Realizamos aulas que trabalharam a expressão corporal, o ritmo, o espaço, a lateralidade, a sensibilidade, os sentidos. Após isso, as professoras/ministrantes faziam registros e/ou observações de como havia sido a aula naquele dia, escrevendo sobre a conclusão ou não de todas as atividades, os aspectos entendidos como positivos e negativos por parte da pessoa que registrava o relato e como ocorreu o envolvimento e participação da turma.

Dessa forma, esta experiência foi de suma importância para nós enquanto futuras licenciadas em dança, pois, colocamos em prática saberes docentes desenvolvidos ao longo da faculdade e, além disso, foi possível aprender novos conhecimentos específicos da prática em sala de aula. A experiência proporcionou a melhoria em relação ao planejamento de aulas, à escolha de atividades condizentes com o contexto, e à assertividade na comunicação com os estudantes. E, também, fez cada uma de nós perceber de modo mais enfático qual é/está sendo nosso perfil docente, o qual carrega uma espécie de assinatura única, que é mediada pelas experiências individuais de cada professora/ministrante.

Em relação às crianças, no início da oficina de dança foi desafiador propor algumas atividades. Ao refletir acerca disso, identificamos que um dos fatores que dificultou o bom desenvolvimento das primeiras aulas foi o desconhecimento, por parte das duas turmas sobre o “tipo” de dança que estávamos propondo. Aos poucos, fomos nos adaptando a algumas expectativas das crianças, mas também explicando que a oficina se tratava de um lugar de experimentação criativa e não (apenas) da cópia de passos de dança ao som de uma música - o que parecia ser

a ideia geral sobre o que significa “dançar”. Esse dado nos mostra uma visão adultocêntrica do ensino de dança, em que apenas a professora detém o saber e os estudantes são os únicos que aprendem na relação entre professor/a e estudante. Todavia, acreditamos que em um processo de ensino-aprendizagem, todas as pessoas envolvidas aprendem, se estiverem disponíveis para o aprendizado. Na dança,

O percurso de conhecimento da linguagem corporal é também um processo de buscas e descobertas sobre os diálogos possíveis entre corpo, qualidade de movimento, espaços ocupados pelo corpo e as razões pelas quais essas interseções acontecem. (Marques, 2009, p. 160)

Identificamos, também, uma grande agitação por parte das crianças, que foi oscilando no período das aulas. Nossa interpretação sobre isso é que elas parecem não estar habituadas a desenvolver atividades de expressão artística através da dança e que nós, enquanto estudantes em formação, ainda estamos compreendendo quais são as estratégias docentes que podem estimular o engajamento, a atenção e a participação ativa das crianças na construção das aulas. Além disso, percebemos que o espaço em que ocorriam as aulas também influenciavam diretamente em seus comportamentos quando realizávamos atividades em lugares diferentes do habitual. Acreditamos que isso acontecia pois, assim como na maioria das escolas que conhecemos, as crianças tem seus corpos “emparedados”, o que significa que:

Em geral, elas chegam e são conduzidas diretamente para as salas de atividades, para o refeitório, para a sala de vídeos ou TV, ou para onde for... não importa! Vão de um espaço fechado a outro, ainda que o dia esteja azul, que a hora seja propícia para um banho de sol ou de mangueira. (Tiriba, 2023, p. 219)

Também levantamos a hipótese de que as crianças de hoje estão muito conectadas aos eletrônicos, e estes estabelecem um outro tempo, mais acelerado e mais imediato; o que se difere das práticas coletivas e presenciais. Os vídeos curtos que são facilmente acessados na internet, fazem com que as pessoas tenham uma redução no seu limite de tolerância ao tempo mais lentificado, à necessidade de esperar, de deixar o conhecimento decantar.

Sobre isso, concordamos com Louv (2016, p. 88), quando diz que “Boa parte do aprendizado humano vem de fazer, de criar, de sentir com as mãos; e ainda que muitos preferissem acreditar que é diferente, o mundo não está totalmente disponível a partir de um teclado”.

Contudo, embora houvesse estes e outros desafios, instigar as crianças para que possam criar danças e se expressar artisticamente é iniciar um movimento que preza pelo movimento do corpo na escola. Desemparedar e, por vezes, buscar essa “lentificação” do tempo, é possibilitar que as crianças se libertem das classes e das telas.

Acerca da participação delas nas aulas, é consenso entre as ministrantes que todas/os envolveram-se nas atividades propostas, pois a criação em dança e a possibilidade da autoria na criação individual despertavam a curiosidade delas/es. Também, houve retornos positivos por parte da comunidade escolar sobre o desenvolvimento das aulas em questão.

4. CONCLUSÕES

Portanto, podemos considerar que as crianças passaram por uma experiência de descobrir novas possibilidades de se fazer dança que vai além de aprendizagens em técnicas como, por exemplo, *ballet*, *jazz* ou *danças urbanas*, ou coreografias pré-determinadas. O ensino de dança ter sido desvinculado destas práticas, tal como é uma das intenções da atuação do projeto em escolas de educação básica, foi para elas uma enorme novidade. Isso era nítido quando surgiam alguns comentários do tipo “mas isso é dança?”, quando a criação envolvia a produção de movimentos inéditos e não só de passos pré-concebidos de dança. Esse questionamento é algo ainda comum nos contextos escolares que não contam com a presença docente de professores licenciados em dança. Além disso, percebemos também, por meio de apontamentos trazidos por elas próprias e até mesmo o entendimento das nossas aulas enquanto aulas de dança, que a cada aula e/ou nova proposta de atividade, as crianças compreendiam outras possibilidades do dançar, bem como (re)conheciam o corpo como expressivo e dançante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. BRASIL.

Ministério de Educação e Cultura. **LDB – LEI nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**.

CONE, Theresa Purcell & CONE, Stephen L. **Ensinando dança para crianças**. Barueri, SP: Manole, 2015. p. 21.

DIAS, Belidson & IRWIN, Rita L. (orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

IRWIN, Rita L. **Comunidades de prática a/r/tográfica**. In: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (org.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit da natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MARQUES, Isabel. **Corpos lúdicos: corpos que brincam e jogam**. In: UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL (ULBRA). *O lúdico na prática pedagógica*. Curitiba: Ibpex, 2009.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como Direito e Alegria – Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Ed. Paz e Terra, RJ, 4ª edição. 2023, p. 219.